

## O TRAJE COMO INSTRUMENTO DE CONTESTAÇÃO: MODA E COMPORTAMENTO JOVEM NOS ANOS 1960 E 1970

*Costume as Contestation Instrument: Fashion and Young Behavior in Years  
1960 and 1970*

Silva, Isis Sena; Mestranda; Universidade Federal de Juiz de Fora,  
isissenasilva@hotmail.com<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo visa propor uma análise acerca das transformações no cenário socioeconômico e cultural brasileiro dos anos de 1960 e 1970 e sua relação com o surgimento de movimentos de contracultura e a produção de uma antimoda jovem.

**Palavras-chave:** contracultura; antimoda; juventude.

### Abstract

This article intends propose an analysis of the transformations in the brazilian socio-economic and cultural scene of the 1960s and 1970s and its relationship to the emergence of counterculture movements and the production of a young anti-fashion.

**Keywords:** counterculture; anti-fashion; youth.

---

1. Graduada em Artes e Design e Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora, atuando na linha de pesquisa Arte, Moda: História e Cultura.

## Introdução

A conjuntura socioeconômica e cultural que apresentou-se a partir dos anos de 1950 no mundo ocidental foi caracterizada, segundo Hobsbawm (1995), por diversas mudanças e adaptações da sociedade em função de acontecimentos políticos, econômicos e sociais, como a guerra do Vietnã, o comunismo, os perigos da guerra nuclear, os conflitos raciais nos Estados Unidos e, conforme destaca Arruda (1986), a instauração de governos militares ditatoriais em diversos países da América Latina ao longo dos anos de 1960 e 1970, como Argentina, Uruguai e Brasil.

Desta forma, impulsionada por esses acontecimentos, a juventude, que até então ficava numa posição meio incômoda em relação ao restante da sociedade, despontou em uma série de movimentos que marcaram o período e surpreenderam os políticos e intelectuais que estavam pouco sintonizados com as mudanças que estavam em curso desde o final da década de 1950. (HOBBSAWM, 1995).

Esses jovens, de acordo com Borelli *et al.* (2009), emergiram, neste momento, como sujeitos sociais ativos e potenciais agentes políticos, aparecendo engajados nos movimentos estudantis, dos trabalhadores, nas atividades dos partidos políticos ou nos movimentos da contracultura que apoiavam ou combatiam a ditadura militar, mostrando-se protagonistas de um leque de ações culturais que caracterizaram o período e o transformaram em referência emblemática para a história do país.

No Brasil, o conturbado e polêmico cenário das décadas de 1960 e 1970 teve início com a crise do governo de Jânio Quadros, seguida de sua renúncia em 25 de agosto de 1961. Fato este que levou os ministros militares a se declararem contra a posse de João Goulart, então vice-presidente da República, uma vez que para eles as posições políticas assumidas por João Goulart mostravam-se esquerdistas. (FAUSTO, 1995).

O período foi marcado por uma intensa industrialização, urbanização

acelerada e pela indústria cultural. Apesar disso, conforme acentua Sant'Anna, (2010), um golpe de estado, seguido da instauração de uma ditadura militar e da repressão violenta aos movimentos sociais e juvenis, contribuiu para profundas transformações na sociedade brasileira, fulgurando tal período por uma grande ebulição sociocultural.

Neste momento, conforme Hobsbawm (1995), rapazes e moças e seus professores constituíram um novo fator na política e na cultura, configurando-se como uma força muito mais importante do que jamais haviam sido: “[...] eram não apenas radicais e explosivos, mas singularmente eficazes na expressão nacional, e mesmo internacional, de descontentamento político e social”. (HOBSBAWM, 1995, p. 292)

A gigantesca força que agregou-se em torno desses jovens, conforme afirma Cidreira (2008), foi capaz, de fato, de provocar fissuras na estrutura até então vigente. Reivindicando uma completa reversão do modo de ser da sociedade, movidos por sonhos, verdadeiras utopias, a juventude marcou presença em movimentos estudantis, feministas, de psicodelismo, em festivais que se tornaram verdadeiros *happenings* de liberação, propondo uma vida mais natural, de amor livre, sem opressão.

Como defluência desse conjunto de acontecimentos, Lago (2007) ressalva que a revolução instaurada, embora possua um cunho político, irá se manifestar na cultura, acarretando o nascimento de uma antimoda pertencente à juventude espalhada em todo o Ocidente. Nesses anos a moda sofreu uma transformação radical e suas mudanças tornaram-se observáveis em todas as classes da sociedade e na história política do país, caracterizando-se como um elemento indissociável da vida cotidiana.

### **O traje como instrumento de contestação**

No Brasil, como destacam Gonçalves & Hollanda (1984), a defasagem entre a expectativa da transformação social e a realidade do desmoroamento

do governo de João Goulart exigiu que se reconhecesse que alguma coisa andara mal nos cálculos da revolução. Desta forma, a necessidade de localizar e “corrigir” os possíveis enganos ocorridos no cenário político do ano de 1964 marcou de forma intensa os rumos que a militância política e cultural tomou até o final da década.

A partir de 1966, segundo Fausto (1995), passado o primeiro impacto da repressão, a oposição começou a se rearticular e os estudantes começaram também a se mobilizar em torno da União Nacional dos Estudantes (UNE). Apesar disso, como ressalvam Gonçalves e Holanda (1984), a intervenção militar acabou por mostrar-se algo bem mais sério do que um episódio aleatório e passageiro.

Ainda no ano de 1966, Costa e Silva foi eleito para a Presidência da República e os anos que se seguiram a sua posse reservariam momentos de grade intensidade na onda de protestos que tomara corpo após 1964. Em 1968 vivia-se o impacto de uma conjuntura marcada pelo acirramento dos conflitos. Nos países centrais surgia uma intensa onda de protestos comandada pela juventude, enquanto nas sociedades periféricas o enfrentamento do colonialismo e das ditaduras assumia feições dramáticas com a deflagração de processos de luta de guerrilha. (GONÇALVES & HOLLANDA, 1984).

No Brasil, como afirma Fausto (1995), o regime passou a assumir uma face mais agressiva, fazendo com que a indignação com a onda de violência crescesse, unindo, além de estudantes, alguns setores da Igreja e da classe média do Rio de Janeiro em uma mobilização mais ampla. Neste momento, foram surgindo os grupos armados, entre eles a Aliança de Libertação Nacional (ALN), o Movimento Revolucionário de 8 de Outubro (MR-8) e a Vanguarda Popular Revolucionária, dando início às suas primeiras ações em 1968.

Todos esses fatos foram suficientes para reforçar a linha-dura na sua certeza de que a revolução estava se perdendo, tornando necessários novos instrumentos para acabar com os subversivos, seguindo cada vez mais o curso de uma ditadura brutal. Abriu-se, nesse momento, segundo Fausto (1995), um

ciclo de cassações, perda dos direitos políticos, expurgos no funcionalismo – abrangendo muitos professores universitários, censura aos meios de comunicação, prisões e torturas.

Nesse sentido, Cotrim (2010) destaca que o governo moveu um combate violento contra os grupos liberais, socialistas e comunistas e, devido à censura aos meios de comunicação, grande parte da população sequer ficou sabendo do que acontecia nos locais para onde eram levados os presos políticos. Com a suspensão dos direitos fundamentais do cidadão, qualquer um que se manifestasse de forma contrária ao governo poderia ser perseguido, perder o emprego ou ser preso.

Diante das ações extremas promovidas pelo grupo militar no poder, sinais de desgaste das alternativas “militaristas” começaram a surgir, os grupos armados urbanos, que de início deram a impressão de desestabilizar o regime com suas ações espetaculares, declinaram e praticamente desapareceram. A violência da ação repressiva configurou um período de dispersão e isolamento. (GONÇALVES & HOLLANDA, 1984)

Gonçalves & Hollanda (1984) ainda ressaltam que essa descrença em relação às alternativas do sistema e à política das esquerdas deu lugar ao florescimento, em áreas da juventude, de uma postura “contracultural”. Nesse sentido, Fausto (1995) acentua que as formas políticas tradicionais passaram a ser vistas por esses jovens como “velharias”, eles esperavam colocar “a imaginação no poder”. Esse clima no Brasil teve efeitos visíveis no plano da cultura em geral e da arte — buscava-se revolucionar em todas as áreas do comportamento.

Silva (2008) afirma que no desenrolar da década de 1960, intercorrem reivindicações de liberdade contra as antigas regras da sociedade e valores das gerações anteriores, contra os regimes políticos, contra a guerra, pelo sexo, pela paz e pelo amor, as quais se fundem no desejo de uma sociedade nova, onde os valores juvenis pudessem finalmente ser aceitos. Assim, de acordo com Lipovetsky (2009), “[...] instalou-se uma cultura que exhibe o não

conformismo, que exalta os valores de expressão individual, de descontração, de humor e espontaneidade livre”. (LIPOVETSKY, 2009, p.139).

Neste contexto, segundo Gonçalves & Hollanda (1984), surgiu a droga como experiência de alargamento da sensibilidade e de mudança de cabeça, a valorização da transgressão comportamental, a marginalização, a crítica violenta à família, a recusa do discurso teórico e intelectual, crescentemente tecnicista e vazio, o sentido da viagem, do “ir fundo na existência”, dão o tom do desbunde: “A cultura e a civilização, elas que se danem, ou não”, cantava Gilberto Gil.

Essas transformações organizacionais, sociais e culturais acarretaram mudanças também na forma do jovem vestir-se, modificando de tal forma o edifício anterior que, segundo a assertiva de Lipovetsky (2009), se tem direito de considerar que nesse momento uma nova fase da história da moda fez sua aparição. Silva (2011) evidencia que é, sobretudo, a partir dos anos 1960 que o vestir-se passa a expressar não somente a identidade, mas também os engajamentos políticos ou culturais, em vez de conformidade a um código predeterminado.

É este o momento, segundo Sant’Anna (2010), em que a moda jovem se consolidou, despontando como um significativo expoente, tanto criativo quanto quantitativo, contribuindo para a inovação constante do vestuário, mesclando os novos comportamentos socioculturais e transformando a moda definitivamente em um veículo de expressão dos pensamentos das pessoas. Diante desse novo sistema, Crane (2008) enfatiza que a moda deixou de ser ditada inteiramente com base nas considerações de classe e se tornou um meio para expressar nuances da individualidade, baseando-se em percepções de gênero, idade, raça e valores sociais e políticos.

Neste contexto veio à tona o surgimento do movimento *hippie*, manifestando, conforme Sant’Anna (2007) observa, aversão aos materiais tecnológicos e preferência assumida pelo uso de materiais naturais. Seus adeptos, buscavam inspiração em roupas descartadas pela lógica do

capitalismo, como o vestuário de segunda mão, as modas antigas, assim como as vestimentas originalmente não ocidentais, especialmente os indianos e marroquinos, firmando-se como um contraponto ao fascínio pela tecnologia<sup>2</sup> e transformando a moda *hippie* em um movimento de antimoda.

O movimento *hippie*, segundo Gonçalves & Hollanda (1984), fervilhava, chocando a sisudez ocidental, inconformada diante da “sujeira” e da “promiscuidade” dos jovens de cabelos crescidos que faziam do erotismo, da sensualidade e da liberdade comportamental suas armas. O uso da droga como busca de uma nova sensibilidade, o amor livre, a preferência pela expressão artística em detrimento do discurso político, assumiam um sentido “contracultural” que empolgava toda uma geração de diversos países do Ocidente. Através de seu novo visual, cabelos longos e despenteados, tanto para homens quanto para mulheres, roupas que poderiam parecer desleixadas e artesanais, estes jovens, conforme Lago (2007), contestavam e agrediam a sociedade, propondo, segundo esclarece Cidreira (2008), uma nova maneira de agir e pensar, uma transformação na mentalidade vigente. Por intermédio de suas roupas, adereços e consumo de drogas associado à libertação da mente e à experimentação, os *hippies* dos anos 1970, de acordo com a asserção de Borelli *et al.* (2009), assumiram preferência pela revolução comportamental à revolução social.

Silva (2008) ressalva que esses movimentos inauguraram também uma procura por experiências de redescoberta de valores culturais e religiosos, e que se concentrava também na emancipação do próprio indivíduo, centrado, agora, em viver de forma mais hedonista. Desta forma, a autora destaca que:

[...] o que ficou conhecido como moda *hippie* era antes o desejo de diferenciar-se, através das cores fortes e alegres, dos tecidos

---

2. É nesta época que muitos elementos da sociedade industrial e da tecnologia são consolidados, como o uso dos fios sintéticos. As novas tecnologias passam a ser consumidas como um elemento de “ser moderno” e, com o apelo da “era espacial”, as viagens ao espaço povoam o imaginário das pessoas. Adentram, no universo da moda, materiais que parecem não obedecer à gravidade, como os metalizados, emborrachados, tecidos encorpados, metais, zíperes, entre outros. (SANT’ANNA, 2010, p. 83-85.)



naturais, dos adornos que traziam de volta a alegria ao vestuário masculino [...] Nos anos 1970 o universo das revoluções será o próprio indivíduo, que deve libertar-se para libertar o mundo. (SILVA, 2008, p.5).

Um dos principais cenários dessa revolução comportamental, como afirmam Borelli *et al.* (2009), foi o Píer de Ipanema<sup>3</sup>, no Rio de Janeiro, que se tornou a praia *hippie* de Ipanema, um grande *underground* a céu aberto, frequentado por todo tipo de pessoas, onde as conversas giravam em torno de mapa astral, macrobiótica, orientalismo, comunidades alternativas, drogas. Mulheres e homens, como acentua Alonso (2013), apareciam no Píer para comer, brincar, conversar, ver as ondas quebrarem e, sobretudo, para pirar. “Eram tempos de abertura da mente, de radicalização dos sentidos. Não valia a pena ficar de fora daquelas novas sensações”. (ALONSO, 2013, p.44).



Figura 1. Gal Costa e a amiga Wilma Dias no Píer de Ipanema. Foto: Arquivo O Globo.

Assim, conforme destaca Castro (1999), o Píer, durante três verões (até

---

3. Píer de Ipanema: nome dado à obra provisória de construção de um emissário submarino em Ipanema, que foi iniciada em 1970 e encerrada em fins de 1974. Como forma de possibilitar a construção do emissário, a empresa construiu um píer que avançava algumas dezenas de metros no mar. (ALONSO, 2013). Essa intervenção deu origem a mudanças na areia (surgiram dunas) e no mar (as ondas ficaram maiores e mais bem delineadas). (DIAS; FORTES; MELO, 2012).



1973), foi a liberdade no poder, não era apenas uma praia, era uma atitude. No perímetro do Píer só era “proibido proibir”, ao contrário do resto do país que vivia sob a mais angustiante mordada de sua história – imprensa sob censura, torturas, prisões e o clima constante de delação no ar. O ponto ganhou fama e ditou moda, usava-se saias longas com o umbigo de fora, batas indianas, calças *saint-tropez*, macacões, ponchos e pelos pubianos à mostra. Sexo, drogas, cabelos longos, ideias, comportamentos constituíam uma “república independente” nos piores tempos do regime militar: os anos Médici.

Villaça (2007) acentua que o Píer foi a primeira praia transgressora do país. Enquanto em Copacabana o fundo musical era embalado pela Bossa Nova, no Píer de Ipanema a trilha vinha do *rock* e do som tropicalista dos Novos Baianos que frequentavam o local, assim como intelectuais e artistas como Gal Costa, Caetano Veloso, Regina Casé e Luís Melodia, que se encontravam lá para conversar e “tentar reinventar um tempo legal”, na tentativa de esquecer a realidade de repressão que nosso país vivia.

Dos anos 60 aos 80, conforme afirma Castro (1999) a moda no Brasil foi ditada por Ipanema. Mas nem sempre foi assim, até o ano de 1961 não havia uma única boutique em Ipanema. Naquele ano, a ideia de que um dia Ipanema se tornaria o centro da moda no Brasil era tão impensável quanto a possibilidade de Jânio Quadros renunciar à Presidência para a qual fora esmagadoramente eleito meses antes. No entanto, na tarde de 25 de agosto de 1961 as duas coisas aconteceram: Jânio renunciou em Brasília e, no Rio de Janeiro, a primeira boutique de Ipanema, a Mariazinha<sup>4</sup>, foi inaugurada. Os dois fatos tiveram consequências históricas importantes.

A renúncia de Jânio, como destaca o autor, deixou o Brasil em um longo período de trevas, já a Mariazinha, que fazia uma moda clássica, abriu caminho para centenas de outras boutiques, que fariam de Ipanema um ponto de referência mundial da moda. Castro (1999) ainda ressalta que ao longo dos

---

4. A Mariazinha, de Mara MacDowell e Georgiana Vasconcellos, ficava ao lado do Cine Astória, e sua primeira vitrine já reproduzia uma fachada de demolição. (CASTRO, 1999, p. 60).

anos de 1960 e 1970 diversas boutiques abriram e fecharam, mas algumas se firmaram e fizeram a fama do bairro.

A boutique Bibba (1966-83), criada por José Luiz Itajahy, foi considerada por muitos a boutique mais revolucionária de Ipanema. Segundo Rainho (2014), a marca da loja eram as camisetas unissex, de todas as cores, com o logotipo Bibba-Ipanema estampado na manga. Dentro da loja havia almofadões pelo chão, túnicas e vestidos pendurados no teto e colares enroscados pelos cantos.



Figura 2. Técnica em estamparia gigante com barra em listras e abertura lateral. Desenho exclusivo da Bibba. 1968. Foto: Acervo O Globo.

Já a Aniki Bobó (1968-80), de Celina Moreira da Rocha, apresentava uma proposta deliberadamente psicodélica, abusando dos cromados. Não possuía vitrine e guardava semelhança a uma boate. (RAINHO, 2014). As roupas criadas, como destaca Castro (1999), eram unissex, como as calças de veludo amassado que visualmente parecia molhado e vestiam desde as grã-finhas às mulheres que economizavam por meses para comprar uma daquelas

calças. A Frágil (1969-73), por sua vez, mostrava uma intenção mais ambiciosa: por mais que 1968 tivesse sido um ano de derrotas, Adriano de Aquino e seus sócios não desistiam de mudar a realidade que o mundo estava vivendo. A antimoda da Frágil, segundo Castro (1999), era um misto de desbunde com fundo de garagem: produzia-se calças pijamas, peças com tecido de saco, batas indianas, tendo Gal Costa como uma de suas clientes.



Figura 3. Saia em lã e blusinha “à vovó”, com mangas fofas e babado de gola. Da Aniki Bobó. 1970. Foto: Acervo O Globo.

A Blu-Blu (1972-87), de Marília Valls, desenvolveu uma moda de vanguarda, apoiando-se em cinco elementos estéticos: o elemento nostálgico, a mistura de cores jamais antes proposta, o toque branco nas coleções, o toque romântico e, por último, o elemento lúdico e da fantasia. No mesmo ano que Marília abriu a Blu-Blu, Mauro Taubman lançou a Company, marca voltada para o público jovem e que apoiava competições de surfe, skate e voo livre, patrocinando os principais atletas de cada estilo. (SERNAGIOTTO, 2006).

Castro (1999), ressalta que a Company pode ter sido a última de sua estirpe em Ipanema e sua força, juntamente a de outros empreendedores, produziu uma moda criativa, utilizando um marketing agressivo e moderno. Nesse sentido, o autor sublinha que os proprietários dessas butiques não se limitaram a apenas vestir ou despir os corpos de seus clientes: eles buscaram definir comportamentos, estilos de vida e atitudes através de suas roupas que criaram.

### **Considerações finais**

Analisando o contexto em questão é possível perceber que a moda não deve ser compreendida como um fato que se relaciona apenas ao vestuário, mas sim como um fato que estabelece vínculos nas áreas da economia, da política, das artes, do lazer e do consumo. A roupa e o vestir-se têm o potencial de revelar não só o gosto de cada indivíduo, mas sua história, sua personalidade, seu estilo, sua identidade e a forma como se posiciona diante da sociedade.

Assim, a moda deve ser analisada tendo como base seus significados, as formas como se espalha entre sociedades e grupos e as funções sociais a que serve, pois de modo geral, pois grandes mudanças na forma de vestir-se sinalizam importantes alterações nas relações sociais. Muito mais que um simples adorno, a roupa, o traje, quando usados como instrumentos pelos atores sociais mostra-se como um código de comunicação e identificação que expõe ideias, sonhos, questionamentos, que com o transcorrer do tempo marca e simboliza momentos históricos.

Nesse sentido, pode-se inferir que o traje usado pelos jovens rebeldes dos anos 1960 e 1970 pode visto como um símbolo de não conformidade com os rumos que história brasileira estava tomando. Assim o traje, a forma de se vestir e comportar caracterizaram-se como uma importante arma contra a dura realidade que o país viveu durante as décadas de 1960 e 1970.

## Referências

ALONSO, G. O píer da resistência: contracultura, tropicália e memória no Rio de Janeiro. *Revista de Ciência Política*, Rio de Janeiro, nº. 46, p. 44-70, jan./jul. 2013.

ARRUDA, J. J. de A. *História moderna e contemporânea*. 19. ed. São Paulo: Ática, 1986.

BORELLI, S. H. S. et al. Jovens urbanos: ações estético-culturais e novas práticas políticas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Mazinales, v.7, n. 1, p. 375 – 392, jan./jun. 2009.

CASTRO, R. *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CIDREIRA, R. P. A moda nos anos 60/70: comportamento, aparência e estilo. *Recôncavos: revista do centro de artes, humanidades e letras*, Cachoeira, v. 2, n. 1, p. 35 – 44. 2008.

COTRIM, G. *História global: Brasil e geral*. 1. ed. v. 3. São Paulo: Saraiva, 2010.

CRANE, D. Reflexões sobre a moda: o vestuário como fenômeno social. In: BUENO, M. L.; CAMARGO, L. O. de L. (Org.). *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo: Senac, 2008, p. 157 – 178.

DIAS, C; FORTES, R; MELO, V. A. de. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 112-128, jan./jun. 2012.

FAUSTO, Boris. O Regime Militar (1964 – 1985). In:\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995. pp. 463 – 516.

GONÇALVES, M. A; HOLLANDA, H. B. *Cultura e participação nos anos 60*. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984

HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX:1914 – 1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAGO, C. A. R. O poder político X história da moda brasileira. *Semina*, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 42 – 50, 1. sem. 2007.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O GLOBO. *Acervo O Globo*. São Paulo, SP. 1925 -.

RAINHO, M. do C. T. *Moda e revolução nos anos 1960*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

SANT'ANNA, P. *Coleção Rhodia: arte e design de moda nos anos sessenta no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2010. 293 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SANT'ANNA, P. *Diálogos entre arte e moda: os anos sessenta*. In: III Colóquio de Moda. Cimo, 2 a 5 de out. 2007. Anais do III Colóquio de Moda. Cimo, Belo Horizonte (MG), 2007.

SERNAGIOTTO, R. Butiques de Ipanema. *Antenna Web: Revista Digital do IBModa*. São Paulo. n. 2. out. 2006. Disponível em: <http://www.antennaweb.com.br/antenna/edicao2/artigos/artigo2.htm>. Acesso em: 3 de julho de 2016.

SILVA, E. M. da. *Moda e rebeldia: as estratégias de diferenciação das culturas juvenis*. In: IV Colóquio de Moda. Feevale, 29 de set. a 2 de out. 2008. Anais do IV Colóquio de Moda. Feevale, Novo Hamburgo (RS), 2008.

SILVA, E. M. da. É possível falar em tribos urbanas hoje? A moda e a cultura juvenil contemporânea. *IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 48-64, abril, 2011.

VILLAÇA, N. *Corpo à moda mídia na cidade do Rio de Janeiro*. Projeto de pesquisa: Construção do corpo na mídia: texto e imagem. Pós-Eco/ UFRJ, 2007. Disponível em: [http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/nvillaca\\_2.pdf](http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/nvillaca_2.pdf). Acesso em 17/07/2014.